

ÍNDICE

1. Enquanto Ela Fosse Viva	11
2. Aprender a Gostar dos Hamptons: 2009	24
3. Vai Subir ao Altar, Amiga	42
4. E é Oficial!	50
5. Não lhe Chamaria Propriamente Namorar	59
6. Escrever o Obituário Não Faz Disso Verdade	77
7. Os Rapazes Hão de Ser Sempre os Mesmos	97
8. Nada de David's Bridal, Gipsófilas ou Sapatos <i>Dyeable</i> de Qual- quer Espécie.....	112
9. <i>Piñas</i> Sem Álcool para Todos	131
10. A Metade de Um Roupão Feito para Dois.....	141
11. Mais ou Menos Famosa do que a Beyoncé?.....	152
12. Falsas Acusações de Assédio e Um ou Dois Coletes de Forças...	163
13. Posso Já Ter Morrido Entretanto	178
14. Miranda Priestly Chamou-te Bonita!.....	191
15. Estou Aqui para te Dizer que Não «Não Tentar» é Tentar.....	206
16. Dá Uma Voltinha Nele	218

17. Um Misto entre James Bond e <i>Um Sonho de Mulher</i> com Um Pouco de <i>Mary Poppins</i> à Mistura.....	231
18. Para de Falar e Afasta-te.....	254
19. Ceviche e Pele de Cobra: Uma Noite de Terror.....	267
20. Um Contentor de Botox.....	293
21. No Teu Próprio Interesse.....	311
22. Pormenores, Pormenores	321
23. Mamã Assanhada de Um Puto com Um Bronzeado Dourado.	329
24. É Tudo	337
 AGRADECIMENTOS.....	 350

CAPÍTULO UM

ENQUANTO ELA FOSSE VIVA

A chuva caía em lençóis oblíquos, fria e implacável, o vento sacudindo-a em todas as direções, tornando inútil qualquer chapéu de chuva, impermeável ou botins de borracha. Não que Andy tivesse qualquer uma dessas coisas. O chapéu de chuva *Burberry*, de duzentos dólares, recusara-se a abrir e acabara por se partir quando ela o forçara; o casaco de pele de coelho sem capuz, e com a gola demasiado grande, ajustava-se-lhe lindamente à cintura, mas não servia para a proteger de um frio de gelar os ossos; e os sapatos *Prada* novos, de camurça e com o salto plataforma, davam-lhe um ar alegre com a sua cor fúcsia papoila, mas deixavam a maior parte do pé à mostra. Até mesmo as *leggings* faziam as pernas dela parecerem despidas, o cabedal de que eram feitas era tão protetor como um par de *collants* de seda, por causa do vento. Os quarenta centímetros de neve que cobriam Nova Iorque já tinham começado a transformar-se numa papa cinzenta e lamacentas, e Andy desejou pela milésima vez morar noutra lugar qualquer.

Como que para reforçar os pensamentos dela, um táxi passou o sinal amarelo a toda a velocidade e buzinou ruidosamente, para ela que havia cometido o grave crime de tentar atravessar a rua. Conteve-se para não lhe mostrar o dedo do meio — hoje em dia toda a gente andava armada — e, em vez disso, rangeu os dentes e enviou-lhe uma série de palavras por telepatia. Tendo em conta o tamanho dos seus tacões, conseguiu fazer bastante progresso nos dois ou três quarteirões seguintes. Fifty-Second, Fifty-Third, Fifty-Fourth... Já não faltavam muitas ruas e pelo menos teria uns minutos para se aquecer antes de

iniciar a corrida de regresso ao escritório. Estava a consolar-se com a promessa de um café quente e talvez, quem sabe, um biscoito com pedaços de chocolate, quando, de repente, algures, ouviu *o tal* toque.

De onde viria? Andy olhou à sua volta, mas os outros transeuntes não pareciam reparar no som, que aumentava a cada segundo. *Trr-iiim! Trr-iiim!* O tal toque. Reconhecê-lo-ia em qualquer lugar para o resto da sua vida, embora Andy tivesse ficado surpreendida por ainda se fazerem telemóveis com esse toque. Não o ouvia há tanto tempo e, no entanto... veio-lhe tudo rapidamente à cabeça. Já sabia o que iria encontrar antes de tirar o telemóvel da mala, mas ainda assim ficou chocada quando viu as duas palavras no ecrã do aparelho: *Miranda Priestly*.

Não iria atender. Não era capaz. Andy respirou fundo, premiu a tecla «ignorar» e tornou a enfiar o telemóvel na mala. O aparelho começou a tocar quase de imediato. Andy sentiu o coração começar a palpar com mais força e começou a tornar-se cada vez mais difícil conseguir encher os pulmões de ar. «Inspira, expira», instruiu a si mesma, encolhendo o queixo para proteger o rosto do que agora era neve forte, «e continua a andar». Encontrava-se a menos de dois quarteirões do restaurante — viam-se as luzes adiante, qual promessa quente e tremeluzente — quando uma rajada particularmente forte a projetou para a frente, fazendo-a perder o equilíbrio e mergulhar diretamente numa das piores partes do inverno em Manhattan: uma poça negra e lamacenta composta por terra, água, sal, lixo e sabe Deus que mais, tão nojenta, gelada e chocantemente profunda que não havia outro remédio senão render-se a ela.

E foi exatamente o que Andy fez, ali mesmo na poça infernal que se havia acumulado entre a estrada e o passeio. Ficou parada, qual flamingo, elegantemente equilibrada com um pé submerso e o outro levantado de uma forma algo impressionante acima da papa imunda, durante uns bons trinta ou quarenta segundos, a considerar as suas opções. À sua volta, as pessoas afastavam-se dela e do pequeno lago lamacento e somente as que tinham botins de borracha pelo joelho se atreviam a passar diretamente pelo meio. Mas ninguém lhe deu a mão e, apercebendo-se de que o perímetro da poça era tão grande que não podia saltar em nenhuma direção, preparou-se para outro choque frio e pousou o pé esquerdo ao lado do direito. A água gelada subiu-lhe pelas pernas e deteve-se na barriga das pernas, subsumindo os dois sapatos fúcsia e uns bons doze centímetros das calças de cabedal, e Andy fez um esforço tremendo para não chorar.

Tinha as *leggings* e os sapatos estragados, os pés pareciam prestes a partir-se de tão gelados e ela não tinha outra forma de se libertar da imundice a não ser atravessando-a, mas mesmo assim Andy não conseguia parar de pensar: «É o que acontece quando não se atende o telemóvel à Miranda Priestly.»

No entanto, não havia tempo para lamúrias, pois assim que alcançou o passeio e parou para avaliar os estragos, o telemóvel recomeçou a tocar. Ela tinha sido bastante corajosa — raios, absolutamente imprudente — ao ignorar a primeira chamada. Pura e simplesmente não podia voltar a fazê-lo. A pingar, a tremer e à beira de um ataque de lágrimas, Andy tocou no ecrã e disse olá.

— Ahn-dre-ah? És tu? Já saíste há uma eternidade. Só pergunto mais uma vez: Onde. Está. O. Meu. Almoço? Recuso-me a continuar à espera.

«É óbvio que sou eu», pensou Andy. «Acabou de ligar para o meu número. Quem mais havia de ser?»

— Peço desculpa, Miranda. Isto aqui fora está um pavor e estou a fazer os possíveis para...

— Quero-te de volta de *imediato*. É tudo. — E antes de Andy ter tempo para dizer uma palavra, a chamada foi terminada.

Não obstante o facto de a água gelada acumulada no interior dos sapatos estar a ensopar-lhe os dedos dos pés de uma forma absolutamente nojenta, de ser complicado o suficiente caminhar com esses saltos altos quando os sapatos estavam secos e de os passeios estarem cada vez mais escorregadios à medida que a água da chuva começava a congelar, Andy desatou a correr. Percorreu um quarteirão a toda a velocidade e já só faltava mais um quando ouviu chamar o nome dela.

— Andy! Para, Andy! Sou eu! Para de correr!

Reconheceria essa voz em qualquer lado. Mas o que é que Max estava ali a fazer? Tinha ido passar o fim de semana fora, algures no Norte do país, por um motivo que ela agora não recordava. Ou estaria enganada? Parou de correr e virou-se, à procura dele.

— Aqui, Andy!

E depois avistou-o. O noivo dela, com o cabelo escuro e forte, os olhos verdes penetrantes e o seu ar descontraído tão atraente, estava montado em cima de um enorme cavalo branco. Andy não gostava particularmente de cavalos, visto ter caído de um na segunda classe e ter partido o pulso direito, mas aquele cavalo parecia bastante amistoso. Não interessava o facto de Max estar montado em cima

de um cavalo branco, no meio de Manhattan e em plena tempestade de neve — Andy estava tão feliz por vê-lo que nem sequer se questionou.

Ele desmontou com o à-vontade de um cavaleiro experiente e Andy tentou recordar se Max alguma vez havia mencionado ter jogado polo. Com três passos longos acercou-se dela, envolvendo-a no abraço mais caloroso e delicioso imaginável, e ela sentiu todo o corpo descontraírem-se ao entregar-se nos braços dele.

— Coitadinha da minha querida — murmurou ele, sem ligar ao cavalo nem aos pedestres que os fitavam. — Deves estar completamente gelada.

O som de um telemóvel — o tal telemóvel — soou entre eles e Andy apressou-se a atender.

— Ahn-dre-ah! Parece-me que não sabes o significado de «imediatamente», mas...

O corpo de Andy tremia ao mesmo tempo que a voz estridente de Miranda lhe perfurava o ouvido, mas antes de ela poder mexer um único músculo, Max arrancou-lhe o telemóvel dos dedos, premiu o ícone «terminar» no ecrã e atirou-o, com excelente pontaria, diretamente para a poça que antes havia dominado os pés de Andy.

— Já não tens nada a ver com essa mulher, Andy — disse ele, pondo-lhe um enorme edredão sobre os ombros.

— Oh meu Deus, Max, como foste capaz de fazer uma coisa dessas? Estou tão atrasada! Ainda nem sequer cheguei ao restaurante e ela vai matar-me se não voltar com o almoço dela daqui a...

— Chiu — disse ele, encostando dois dedos aos lábios de Andy. — Agora estás a salvo. Estás comigo.

— Mas já passam dez minutos da uma e se ela não...

Max enfiou as mãos debaixo dos braços de Andy e ergueu-a no ar sem o mínimo de esforço, sentando-a cuidadosamente de lado na sela do cavalo branco cujo nome, segundo Max, era *Bandido*.

Ela ficou sentada, muda e em estado de choque, enquanto Max lhe descalçava os sapatos encharcados e os atirava para o passeio. Da mochila dele — a que levava para todo o lado —, Max tirou as pantufas favoritas forradas a malha polar de Andy e enfiou-lhas nos pés gelados e vermelhos. Aconchegou o edredão no colo dela, enrolou o cachecol de caxemira à volta da cabeça e do pescoço dela e entregou-lhe um termos de aço inoxidável cheio do que ele dizia ser chocolate preto quente especialmente selecionado. O favorito dela. Em seguida, num movimento impressionantemente dinâmico, montou-se

no cavalo e pegou nas rédeas. Antes de ela ter tempo de dizer uma única palavra, começaram a descer a Sétima Avenida a trote, com a escolta policial a abrir caminho por entre o trânsito e os pedestres.

Era um alívio enorme sentir-se quente e amada, mas Andy não conseguia libertar-se do pânico que sentia por não ter levado a cabo uma tarefa atribuída por Miranda. Seria despedida, disso tinha a certeza, mas e se fosse pior do que isso? E se Miranda estivesse tão furiosa que se servisse da sua influência sem limites para garantir que Andy não arranjaría outro emprego? E se decidisse ensinar uma lição à assistente mostrando-lhe exatamente o que acontecia quando uma pessoa virava as costas — não uma vez, mas duas vezes — a Miranda Priestly?

— Tenho de voltar! — gritou Andy para o vento, ao mesmo tempo que o trote dava lugar ao galope. — Max, leva-me de volta! Eu não posso...

— Andy! Estás a ouvir-me, querida? Andy!

Ela abriu os olhos. A única coisa que sentia era o pulsar do próprio coração a bater, desvairado, no peito dela.

— Está tudo bem, querida. Estás a salvo. Foi só um sonho. Ou, pelos vistos, um pesadelo — disse-lhe Max numa voz melodiosa, segurando-lhe o rosto com a palma fria da mão.

Ela soergueu-se e viu o Sol matinal a entrar pela janela do quarto. Nada de neve, lama ou cavalo. Tinha os pés descalços mas quentes, sob os lençóis incrivelmente macios e sentia o corpo de Max forte e seguro encostado ao dela. Inspirou profundamente e o odor de Max — o hálito, a pele, o cabelo dele — invadiu-lhe as narinas.

Era apenas um sonho.

Ela olhou em torno do quarto. Ainda se sentia meio a dormir, desorientada por ter sido acordada no momento errado. Onde é que estavam? O que estava a acontecer? Bastou-lhe olhar para a porta, na qual estava pendurado um vestido *Monique Lhuillier* absolutamente maravilhoso, para se lembrar de que esse quarto desconhecido era na verdade uma suíte de núpcias — a sua suíte de núpcias — e que a noiva era ela. Noiva! Um fluxo de adrenalina fê-la sentar-se muito direita na cama com uma rapidez tal que Max exclamou, surpreso:

— O que estavas a sonhar, amor? Espero que não tivesse nada a ver com o dia de hoje.

— De todo. Coisas do passado. — Ela inclinou-se para o beijar no preciso instante em que *Stanley*, o maltês deles, se enfiava entre os dois. — Que horas são? Espera lá... O que estás aqui a fazer?

Max esboçou-lhe o sorriso malandro que ela tanto adorava e levantou-se da cama. Como de costume, Andy não conseguiu evitar admirar-lhe os ombros largos e o estômago liso. Tinha o corpo de um tipo de vinte e cinco anos, só que ainda melhor — não demasiado duro e musculado, mas impecavelmente rijo e em forma.

— São seis. Cheguei há cerca de duas horas — retorquiu ele, vestindo umas calças de pijama de flanela. — Sentia-me sozinho.

— Sim, mas é melhor ires-te embora antes que alguém te veja. A tua mãe faz imensa questão que não nos vejamos antes do casamento.

Max puxou Andy da cama e abraçou-a:

— Então não lhe digas. Não ia ficar o dia inteiro à espera para te ver.

Andy fingiu estar irritada, mas sentia-se intimamente feliz por ele ter aparecido para um abraço rápido, em especial tendo em conta o pesadelo que ela tinha tido.

— Certo — suspirou ela, dramaticamente. — Mas volta para o teu quarto e não deixes que te vejam! Vou levar o *Stanley* a passear antes que a marabunta desça.

Max encostou a pélvis a ela.

— Ainda é cedo. Aposto que se fôssemos rápidos ainda conseguíamos...

Andy deu uma risada.

— Vai-te embora!

Ele tornou a beijá-la, dessa vez com ternura, e depois saiu da suíte.

Andy pegou em *Stanley* ao colo, deu-lhe um beijo em cheio no nariz molhado e disse:

— Vamos, *Stan!* — O cão ladrou de entusiasmo e tentou libertar-se, pelo que ela teve de o soltar para não ficar com os braços todos arranhados. Durante escassos segundos ela ainda conseguiu esquecer o pesadelo, mas este reapareceu em todo o seu pormenorizado esplendor. Andy respirou fundo e o seu pragmatismo entrou em ação: nervosismo do dia do casamento. Um típico pesadelo de ansiedade. Nada mais. Nada menos.

Encomendou o pequeno-almoço através do serviço de quartos e alimentou *Stanley* com pedaços de ovos mexidos e torrada, ao mesmo tempo que atendia animados telefonemas da mãe, da irmã, de Lily e de Emily — todas impacientes para que ela começasse os preparativos —, e depois pôs a trela a *Stanley* para um pequeno passeio sob o ar outonal, antes que o dia se tornasse demasiado agitado. Era ligeira-

mente embaraçoso usar as calças de fato de treino de tecido turco, com a palavra «noiva» estampada no rabo a rosa-vivo, que tinha recebido na festa de despedida de solteira, mas a verdade é que também se sentia orgulhosa. Escondeu o cabelo dentro de um boné de baseball, apertou os atacadores dos ténis, vestiu um casaco polar da *Patagonia* e saiu milagrosamente para os jardins imensos do Astor Courts Estate sem se cruzar com vivalma. *Stanley* saltitava alegremente, tanto quanto as suas patas pequeninas lhe permitiam, puxando-a na direção da linha das árvores na orla da propriedade, onde as folhas já haviam mudado para as cores fogosas do outono. Caminharam durante quase trinta minutos, sem dúvida tempo suficiente para todos se interrogarem sobre onde é que ela se teria enfiado, e apesar de o ar ser fresco, de os campos sinuosos da quinta serem lindíssimos e de Andy sentir o nervosismo entusiasmado do dia de casamento, não conseguia afastar a imagem de Miranda da cabeça.

Como era possível que essa mulher ainda a perturbasse? Já haviam decorrido praticamente *dez anos* desde que ela fugira de Paris e das restrições destrutivas do emprego dela enquanto assistente de Miranda na revista *Runway*. Havia crescido tanto como pessoa desde esse ano fatídico, não era? Tudo tinha mudado e para melhor: os primeiros anos pós-*Runway* a trabalhar como *freelancer*, que ela havia orgulhosamente transformado num trabalho regular como colaboradora editorial, escrevendo para um blogue sobre casamentos, o «Felizes Para Sempre». Alguns anos e dezenas de milhares de palavras depois, conseguira lançar a sua própria revista, *The Plunge*, uma bonita e sofisticada revista de luxo que já existia há três anos e que, não obstante todas as previsões em contrário, estava realmente a gerar receita. *The Plunge* tinha sido nomeada para vários prémios, pelo que anunciantes não lhe faltavam. E agora, no meio de todo esse seu sucesso profissional, ela ia casar-se! Com Max Harrison, filho do falecido Robert Harrison e neto do lendário Arthur Harrison, que tinha fundado a Harrison Publishing Holdings nos anos imediatamente após a Grande Depressão e a havia transformado na Harrison Media Holdings, uma das mais prestigiadas e lucrativas empresas dos Estados Unidos. O seu noivo era Max Harrison, um tipo há muito no circuito dos solteirões mais cobiçados que havia namorado com as Tinsley Mortimer e as Amanda Hearst da cidade de Nova Iorque, e provavelmente com uma boa parte das irmãs, das primas e das amigas delas. Presidentes de câmara e magnatas marcariam presença na cerimónia dessa tarde, à espera de aplaudir o jovem descendente e

a sua nova noiva. Mas a melhor parte era o facto de ela amar Max. Ele era o melhor amigo dela. Estava apaixonado por ela, fazia-a rir e gostava do trabalho dela. Não era uma realidade que homens de Nova Iorque não estavam disponíveis até ao momento decisivo? Max havia começado a falar em casamento ao fim de poucos meses de eles se terem conhecido. Três anos depois ali estavam eles, no dia do casamento. Andy repreendeu-se por estar a perder tempo a pensar num sonho tão ridículo e levou *Stanley* de volta para a suíte, onde um pequeno exército de mulheres se havia reunido num pânico nervoso e excitado, aparentemente questionando-se se ela teria fugido do local. Ouvia-se um suspiro de alívio coletivo assim que ela entrou; de imediato, Nina, a organizadora do evento, começou a emitir diretivas.

As horas que se seguiram passaram a correr: duche, secagem do cabelo, rolos quentes, rímel, base suficiente para alisar a compleição de uma adolescente hormonal. Alguém se encarregou dos dedos dos pés dela, enquanto outra pessoa lhe foi buscar a roupa interior e uma terceira discutia qual seria a cor dos lábios. Antes de Andy ter tempo de perceber o que se passava, a irmã dela, Jill, segurou o vestido cor de pérola e, um segundo depois, a mãe dela já tinha apertado o tecido delicado da parte de trás e tinha fechado o fecho. A avó de Andy cacarejou de alegria. Lily chorou. Emily foi fumar um cigarro para a casa de banho da suíte nupcial, convencida de que ninguém daria por nada. Andy tentou interiorizar tudo o que estava a passar-se. E depois ficou sozinha. Durante apenas uns minutos antes de a esperearem no salão de festa, toda a gente se foi embora para se preparar e Andy sentou-se toda torta numa poltrona antiga acolchoada, tentando não amarrotar ou estragar um milímetro que fosse. Em menos de uma hora seria uma mulher casada, dedicada a Max para o resto da vida dela. E ele a ela. Era quase impossível de conceber.

O telefone da suíte soou. Era a mãe de Max, do outro lado da linha.

— Bom dia, Barbara — disse Andy, o mais simpática possível. Barbara Anne Williams, Filha da Revolução Americana, descendente não só de um mas de dois assinantes da Constituição, presença permanente em todas as comissões de beneficência realmente importantes a nível social de Manhattan. Desde o seu penteado *Oscar Blandi* às sabrinhas *Chanel*, Barbara era sempre impecavelmente educada com Andy. Impecavelmente educada com *toda a gente*. Mas não era propriamente efusiva. Andy tentava não o levar muito a peito e Max garantia-lhe que era apenas impressão dela. Quem sabe se no início Barbara não estaria convencida de que Andy era apenas mais uma fase do filho?

Depois, Andy convenceu-se de que a relação de Barbara com Miranda havia deitado por terra qualquer esperança de ligação afetiva entre nora e sogra. Por fim, Andy percebeu que Barbara era assim mesmo — friamente educada para toda a gente, até mesmo para a própria filha. Jamais se imaginaria a tratar essa mulher por «mãe». Não que tivesse sido convidada a fazê-lo...

— Olá, Andrea. Apercebi-me agora de que não cheguei a dar-te o colar. Passei a manhã a correr de um lado para o outro, a tentar organizar tudo, e acabei por me atrasar para o cabeleireiro e para a maquiagem! Estou a ligar para te dizer que está numa caixa de veludo no quarto do Max, enfiada no bolso lateral daquela mochila pavorosa dele. Não queria que ficasse à vista dos empregados. Talvez tenhas mais sorte do que eu a convencê-lo a andar com algo mais dignificante. Sabe Deus as vezes que já tentei, mas ele simplesmente não...

— Obrigada, Barbara. Vou já buscá-lo.

— Nem penses numa coisa dessas! — gritou a mulher, numa voz estridente. — Vocês não se podem ver antes da cerimónia, dá azar. Manda lá a tua mãe ou a Nina. Outra pessoa qualquer. Está bem?

— Com certeza — replicou Andy. Pousou o auscultador e dirigiu-se para a entrada. Aprendera logo de início que era mais simples concordar com Barbara e depois fazer como bem entendesse; discutir não a levaria a lado nenhum. Razão pela qual ela iria usar um bem da família Harrison como elemento «usado», tal como mandava a tradição, em vez de uma peça dos seus próprios familiares: Barbara insistira. Seis gerações de Harrison haviam usado esse colar no dia do casamento e Andy e Max seguiriam o mesmo exemplo.

A porta da suíte de Max estava entreaberta e, assim que entrou, ela ouviu a água do duche a correr na casa de banho. «Típico», pensou. «Eu a arranjar-me há cinco horas e ele só agora é que começou a tomar banho.»

— Max? Sou eu. Não saias daí!

— Andy? O que fazes aqui? — A voz de Max soou através da porta da casa de banho.

— Vim só buscar o colar da tua mãe. Não venhas cá fora, está bem? Não quero que me vejas com o vestido.

Andy vasculhou o bolso da frente da mochila. Não encontrou nenhuma caixa de veludo, mas as suas mãos agarraram um papel dobrado.

Tratava-se de uma folha de papel de cor creme, pesado e gravado com as iniciais de Barbara, BHW, num monograma marinho.

Andy sabia que Barbara ajudava a manter o negócio da *Dempsey & Carroll* com a quantidade de papel de carta e sobrescritos que lhes comprava; há quatro décadas que utilizava o mesmo *design* para postais de parabéns, bilhetes de agradecimento, convites para jantar e cartões de condolências. Era antiquada e formal, e preferia morrer a enviar a alguém um deselegante *email* ou — horror dos horrores! — uma SMS. Fazia todo o sentido ter enviado ao filho uma carta tradicionalmente escrita à mão no dia do casamento dele. Andy estava prestes a voltar a dobrá-la e guardá-la no mesmo sítio quando reparou no seu próprio nome. Antes de ter tempo para pensar no que estava a fazer, começou a ler:

Querido Max:

Embora saibas que faço o possível por respeitar a tua privacidade, não posso continuar calada em relação a um assunto tão importante. Já antes tinha partilhado contigo os meus receios e prometeste sempre tomá-los em consideração. Agora, contudo, dada a iminência do teu casamento, sinto que já não posso esperar mais para te dizer o que penso de uma forma clara e direta.

Imploro-te, Max: por favor não te cases com a Andrea.

Não me interpretes mal. A Andrea é simpática e decerto um dia dará uma bela esposa. Mas tu, meu querido, mereces muito mais! Deves ficar com uma rapariga proveniente de uma boa família e não de uma família dividida, onde ela apenas conheceu sofrimento e divórcio. Uma rapariga que compreende as nossas tradições, a nossa forma de viver. Alguém que conduza o nome Harrison até à próxima geração. Acima de tudo, uma companheira que te ponha a ti, e aos teus filhos, à frente das suas aspirações profissionais egoístas. Tens de pensar muito bem sobre isso: queres que a tua esposa ande a editar revistas e a fazer viagens de trabalho ou preferes alguém que ponha os outros em primeiro lugar e que acolha os interesses filantrópicos da linhagem dos Harrison? Não preferes uma esposa que se preocupe mais em apoiar a tua família do que em levar avante as ambições dela?

Eu disse-te que o encontro inesperado com a Katherine nas Bermudas tinha sido um sinal. Oh, ficaste tão contente por a teres tornado a ver! Por favor não desvalorizes esses sentimentos. Ainda nada está decidido — não é tarde de mais. É óbvio que sempre adoraste a Katherine e é ainda mais evidente que ela seria uma companheira fantástica e para toda a vida.

Deixas-me sempre tão orgulhosa e tenho a certeza de que o teu pai está lá em cima a olhar por nós e a torcer para que tomes a decisão correta.

Com todo o meu amor,

Mãe

Ela ouviu a torneira da água a fechar-se e, assustada, deixou cair o bilhete no chão. Quando se agachou para o apanhar, reparou que tinha as mãos a tremer.

— Andy? Ainda aí estás? — perguntou ele do outro lado da porta.

— Sim, estou... Espera, vou-me já embora — conseguiu responder.

— Encontraste?

Ela fez uma pausa, sem saber qual era a resposta certa. Parecia que todo o oxigénio havia desaparecido do quarto.

— Sim.

Ouviu-se mais roçar e depois a torneira do lavatório a abrir e a fechar.

— Já te foste embora? Tenho de sair daqui para me ir vestir.

Por favor não te cases com a Andrea. O sangue pulsava nos ouvidos de Andy. *Oh, ficaste tão contente por a teres tornado a ver!* Devia entrar de rompante na casa de banho ou sair do quarto a correr? Da próxima vez que o visse, estariam a trocar alianças diante de trezentas pessoas, incluindo a mãe dele.

Alguém bateu à porta da frente da suíte antes de a abrir.

— Andy? O que faz aqui? — perguntou Nina, a organizadora do casamento. — Santo Deus, vai dar cabo desse vestido! Pensava que tinham concordado em não se verem antes da cerimónia. Se não é esse o caso, então porque é que não tirámos fotografias antes? — O matraquear constante e impiedoso dela dava cabo da cabeça a Andy. — Max, não saia da casa de banho! A sua noiva está aqui especada, qual veado ofuscado pelos faróis de um carro. Espere lá, é só um segundinho! — Acercou-se de Andy enquanto ela tentava levantar-se e alisar o vestido, ao mesmo tempo que estendia a mão.

— Pronto — disse Nina, levantando Andy do lugar e alisando-lhe a saia cauda de sereia do vestido. — Agora venha comigo. Chega de escapadelas típicas de noiva, entendido? O que é isso? — Ela arrancou o bilhete da mão transpirada de Andy e ergueu-a no ar.

Andy ouviu o coração a bater-lhe no peito; por breves instantes interrogou-se se estaria a ter um ataque cardíaco. Abriu a boca para dizer algo, mas em vez disso foi acometida por uma náusea.

— Oh, acho que vou...

Como por magia, ou talvez graças à sua enorme experiência, Nina estendeu-lhe um caixote do lixo no momento certo e segurou-o com tanta força junto ao rosto de Andy que ela sentiu o rebordo de plástico a fazer-lhe pressão na parte inferior do queixo.

— Pronto, pronto — disse Nina numa voz anasalada, mas, ainda assim, estranhamente reconfortante. — Não é a minha primeira noiva nervosa e também não será a última. Dê graças a todos os santinhos por não ter ficado com nenhum salpico. — Limpou a boca a Andy com uma das *T-shirts* de Max e o cheiro dele, uma mistura inebriante de sabonete com o champô de manjeriço que ele usava — um odor que ela costumava adorar —, fê-la vomitar outra vez.

Ouviu-se bater novamente à porta. O conhecido fotógrafo St. Germain e a sua jovem e bonita assistente entraram no quarto.

— Ficou combinado fotografarmos os preparativos do Max — anunciou ele com uma pronúncia afetada mas indefinida. Felizmente, nem ele nem a assistente olharam para Andy.

— O que se passa aí fora? — perguntou Max, ainda limitado à casa de banho.

— Não saia daí, Max! — gritou-lhe Nina, numa voz autoritária. Voltou-se para Andy, que não tinha a certeza se conseguiria percorrer os sessenta metros até à suíte nupcial. — Temos de lhe retocar a maquilhagem e... Caramba, o estado do seu cabelo...

— Preciso do colar — sussurrou Andy.

— Do quê?

— Do colar de diamantes da Barbara. Espere aí. — «Pensa, pensa, pensa. Qual era o significado? O que era suposto ela fazer?» Andy forçou-se a regressar à mochila pavorosa, mas felizmente Nina pôs-se à frente dela e puxou a mochila para cima da cama. Vasculhou rapidamente o conteúdo e retirou uma caixa de veludo preta com a palavra *Cartier* gravada de lado.

— É disto que está à procura? Vamos embora, então.

Andy deixou-se arrastar para o corredor. Nina disse aos fotógrafos para libertarem Max da casa de banho e para fecharem bem a porta atrás deles.

Andy mal podia acreditar que Barbara a odiava a ponto de não querer que o filho se casasse com ela. E não só isso como também já havia escolhido uma esposa para ele. Katherine: mais *apropriada*, menos *egoísta*. Aquela que, pelo menos segundo Barbara, ele havia deixado escapar. Andy sabia da existência de Katherine. Era herdeira da fortuna Von Herzog e, segundo o que Andy recordava das suas pesquisas iniciais no Google, era uma espécie de princesa austríaca de segunda ordem cujos progenitores a haviam enviado para a escola primária de elite de Max, no Connecticut. Katherine licenciara-se em História da Europa em Amherst, onde tinha sido admitida depois

de o avô — um nobre austríaco com ligações aos nazis durante a Segunda Guerra Mundial — ter doado dinheiro suficiente para batizar uma residência de estudantes em honra da falecida mulher. Max dizia que Katherine era demasiado presunçosa, demasiado formal e por demais educada. Entediante, dizia ele. Demasiado convencional e preocupada com as aparências. A razão por que havia namorado com ela durante cinco anos, com algumas interrupções, era algo que Max não conseguia explicar muito bem, mas Andy desconfiara sempre que havia ali mais qualquer coisa. Era óbvio que não estava enganada.

Da última vez que Max havia mencionado Katherine, estava a planejar ligar-lhe a informá-la do noivado deles; umas semanas mais tarde, tinham recebido uma bonita taça de cristal lapidado da *Bergdorf* e um bilhete com votos de muitos anos de felicidade. Emily, que conhecia Katherine através do marido, Miles, jurara a Andy que não havia motivo para preocupação, que ela era entediante e reprimida e que embora tivesse, admitidamente, um «belo par», Andy era superior a ela em todos os aspetos. Andy nunca mais tinha pensado nesse assunto. Toda a gente tinha um passado. Sentir-se-ia particularmente orgulhosa por se ter envolvido com Christian Collinworth? Sentiria necessidade de contar a Max todos os pormenores da sua relação com Alex? Era claro que não. Mas era totalmente diferente ler uma carta da futura sogra, no próprio dia do casamento, a implorar ao noivo que casasse antes com a ex-namorada. Uma ex-namorada que, segundo parecia, ele tinha ficado *contente* por ver nas Bermudas, durante a festa de despedida de solteiro, e cuja presença se havia convenientemente esquecido de mencionar.

Andy esfregou a testa e obrigou-se a pensar. Quando é que Barbara teria escrito essa carta venenosa? Porque é que Max a havia guardado? E o que significaria ele ter visto Katherine há meras seis semanas e não ter dito nada a Andy, não obstante ter-lhe descrito todos os pormenores sobre os jogos de golfe, as jantaras e os banhos de sol que tinha partilhado com os amigos? Tinha de haver uma explicação, pura e simplesmente tinha de haver. Mas qual?

CAPÍTULO 2

APRENDER A GOSTAR DOS HAMPTONS: 2009

Há muito que era grande motivo de orgulho para Andy nunca ter ido aos Hamptons. O trânsito, a multidão de gente, a pressão de se vestir a rigor, de ter bom aspeto e de estar no lugar certo... nada disso lhe parecia particularmente relaxante. Não era propriamente um escape da cidade. Era preferível ficar sozinha na cidade, deambular pelas feiras de rua típicas de verão, estender-se ao sol no Sheep Meadow ou andar de bicicleta ao longo do Hudson. Podia entrar em qualquer restaurante sem reserva prévia e explorar vizinhanças novas e quase desertas. Adorava os fins de semana de verão passados a ler e a bebericar cafés gelados na cidade, e nunca se sentia nada excluída, um facto que Emily se recusava simplesmente a aceitar. Um fim de semana por temporada Emily arrastava Andy até à casa dos sogros e insistia para que Andy experimentasse o carácter fabuloso das festas brancas, dos jogos de polo e das mulheres envergando peças de roupa *Tory Burch* suficientes para vestir metade de Long Island. Todos os anos Andy jurava a si mesma que jamais voltaria lá e todos os verões fazia obedientemente a mala, metia-se no autocarro e tentava comportar-se como se estivesse a divertir-se imenso, misturando-se com as mesmas pessoas com que se cruzava nos eventos de trabalho na cidade. Esse fim de semana era diferente, porém. Esse fim de semana em particular tinha a capacidade de determinar o futuro profissional dela.

Ouviu-se bater na porta ao de leve e depois Emily entrou de rompante. A julgar pela expressão dela, estava aborrecida por encontrar Andy afundada em cima do luxuoso edredão, com uma toalha

enrolada à volta do cabelo e outra debaixo do braço, fitando impavidamente uma mala que transbordava de roupa por todos os lados.

— Porque é que ainda não estás vestida? As pessoas estão a chegar não tarda nada!

— Não tenho nada para vestir! — exclamou Andy. — Não compreendo a dinâmica dos Hamptons. Não faço *parte* da pandilha. Nada do que trouxe é apropriado.

— Andy — Emily espetou a anca para fora no seu vestido de seda magenta, imediatamente abaixo do sítio onde o tecido encapelado se encontrava preso por uma corrente de ouro com três voltas que jamais teria servido nas coxas da maioria das mulheres. As suas pernas fantásticas estavam bronzeadas e enfeitadas com umas sandálias estilo gladiador douradas e uma pedicure brilhante no mesmo tom rosado do vestido.

Andy estudou o cabelo impecavelmente arranjado da amiga, as maçãs do rosto brilhantes e o batom *gloss* rosa-claro.

— Espero que isso seja alguma espécie de talco reluzente e não apenas a tua exuberância natural — disse ela, sem piedade, fazendo sinal para o rosto de Emily. — Ninguém tem o direito de ter um aspeto assim tão fantástico.

— Andy, tu sabes que esta noite é muito importante! O Miles teve de pedir uma série de favores para conseguir convidar toda a gente e eu passei o último mês a lidar com floristas, empresas de *catering* e com a porra da minha sogra. Fazes ideia o difícil que foi convencê-los a deixarem-nos organizar o jantar aqui? Parecia que tínhamos dezasseite anos e que estávamos a planear uma festa da cerveja, a julgar pela maneira como a mulher me ditou as regras. Em contrapartida, *tu* só precisavas de aparecer, estar bonita e ser simpática, mas olha para ti!

— Estou aqui, não estou? E farei os possíveis para ser simpática. Dois em três não é mau, pois não?

Emily deu um suspiro e Andy não conseguiu conter um sorriso.

— Ajuda-me. Ajuda a tua amiga pobre e sem estilo a vestir algo minimamente adequado para que talvez ela possa fazer boa figura enquanto pede dinheiro a uma mão-cheia de estranhos!

Andy disse-o para acalmar Emily, pois tinha a perfeita noção de que tinha feito progressos na área da moda ao longo dos últimos sete anos. Conseguiria ficar tão deslumbrante como Emily? Era claro que não. Mas também não era propriamente feia.

Emily pegou num molho de peças de roupa que estava em cima da cama e fitou-as de nariz franzido.

— O que é que tencionavas exatamente vestir?

Andy enfiou a mão na confusão de roupa e retirou um vestido abotoado à frente azul-marinho de linho, com um cinto em forma de corda e umas alpercatas da mesma cor, com o salto em cunha. Era simples, elegante e intemporal. Talvez estivesse ligeiramente amarrado. Mas era decerto apropriado.

Emily ficou sem pinga de cor.

— Estás a gozar comigo.

— Olha bem para estes botões fabulosos. Este vestido não foi propriamente barato.

— Estou-me a borrifar para os botões! — gritou Emily, atirando o vestido pelo quarto.

— É um *Michael Kors*! Não é bom?!

— É um *Michael Kors*, sim, mas da coleção de praia, Andy. É o que as modelos vestem por cima dos fatos de banho. Não me digas que o encomendaste pela *Net*, na Nordstrom?

Como Andy não lhe respondeu, Emily ergueu as mãos no ar em sinal de frustração.

Andy suspirou.

— Podes ajudar-me, por favor? Há grandes probabilidades de me tornar a enfiar debaixo destas mantas neste preciso instante...

Dito isso, Emily meteu prego a fundo, balbuciando algo sobre o facto de Andy ser um caso perdido não obstante os esforços constantes de Emily para a orientar em relação a corte, à forma como as peças assentavam, a tecidos e estilos... para não falar no calçado. O calçado era *tudo*. Andy observou enquanto Emily vasculhava na pilha de roupa e levantava algumas peças no ar, franzindo de imediato o sobrolho perante cada uma e largando-a sem cerimónias. Ao fim de cinco frustrantes minutos, desapareceu no corredor sem dizer uma palavra e tornou a aparecer alguns segundos depois, segurando um bonito vestido de malha azul-claro comprido e uns brincos compridos turquesa e prata absolutamente deslumbrantes.

— Toma. Tens umas sandálias prateadas, não tens? É que não vais conseguir enfiar as minhas.

— Não vou é conseguir enfiar-me nesse vestido — replicou Andy, fitando o bonito vestido com uma expressão desconfiada.

— Vais, sim. Comprei-o um tamanho acima do habitual para quando estou mais inchada e além disso é bastante franzido à volta da cintura. Deve servir-te.

Andy deu uma gargalhada. Ela e Emily eram amigas há tantos anos que já não ligava a esse tipo de comentários.

— O que é que foi? — perguntou-lhe Emily, com um ar confuso.

— Nada. É perfeito. Obrigada.

— OK, então *começa a vestir-te*. — Como que para dar ênfase à ordem dela, a campainha soou no piso inferior. — Os primeiros convidados! Vou já a correr para baixo. Sê um amor e pergunta aos homens como vai o trabalho e às mulheres que tal vão as obras de beneficência. Não fales explicitamente sobre a revista a não ser que alguém te pergunte, uma vez que isto não é exatamente um jantar de negócios.

— Não é exatamente um jantar de negócios? Mas não vamos pedinchar dinheiro a toda a gente?

Emily suspirou, exasperada.

— Sim, mas só mais tarde. Antes disso temos de fingir que estamos só a sociabilizar e a divertirmo-nos. O importante agora é que nos vejam como mulheres inteligentes, responsáveis e com uma boa ideia. A maioria é amiga do Miles, de Princeton. Carradas de tipos dos fundos de cobertura que adoram investir em projetos dos meios de comunicação. Ouve, Andy, sorri bastante, mostra-te interessada neles, sê simpática como costumás ser — usa esse vestido — e vais ver que será canja.

— Sorrir, mostrar-me interessada e ser simpática. Entendido. — Andy tirou a toalha da cabeça e começou a pentear o cabelo.

— Não te esqueças, estás sentada entre o Farooq Hamid, cujo fundo de cobertura ficou recentemente classificado entre os cinquenta investimentos mais lucrativos do ano, e o Max Harrison da Harrison Media Holdings, que agora é o CEO da firma.

— O pai dele não morreu há pouco tempo? Tipo, há poucos meses? — Andy lembrava-se da cobertura televisiva do funeral e dos dois dias seguidos de artigos nos jornais, elogios fúnebres e homenagens prestadas ao homem que havia construído um dos maiores impérios da comunicação social, até ter começado a tomar uma série de decisões financeiras desastrosas imediatamente antes da recessão de 2008 — Madoff, campos petrolíferos em países politicamente instáveis —, desencadeando uma crise financeira na firma. Ninguém sabia quão profundo era o estrago.

— Sim. Agora o responsável é o Max e, segundo a opinião geral, está a fazer um excelente trabalho. E a única coisa de que o Max gosta mais que investir em *start-ups* de comunicação social é investir em *start-ups* de comunicação social geridos por mulheres bonitas.

— Oh, Em, estás a dizer que eu sou bonita? Acho que vou corar. Emily resfolegou.

— Por acaso estava a referir-me a mim... Ouve, consegues estar lá em baixo dentro de cinco minutos? Preciso de ti! — exclamou Emily, ao mesmo tempo que saía porta fora.

— Também te adoro! — gritou-lhe Andy, já à procura do sutiã sem alças.

O jantar foi surpreendentemente descontraído, muito mais do que a histeria anterior de Emily havia deixado antever. A tenda montada no jardim das traseiras dos Everett tinha vista para a água, com as laterais abertas a deixarem entrar a brisa marítima salgada e o trilião de minúsculas lanternas votivas a conferir um toque de elegância discreta à noite. A ementa era um festim de marisco absolutamente espetacular: lagostas de quilo já partidas; amêijoas em manteiga e limão; mexilhões cozidos a vapor em vinho branco; batatas assadas em alho e alecrim; maçarocas de milho salpicadas com queijo *cotija*; cestos cheios de pãezinhos quentes com manteiga; e um fornecimento aparentemente infundável de cerveja gelada com lima, copos de *Pinot Grigio* fresco e as *margaritas* mais salgadas e deliciosas que Andy alguma vez havia provado.

Depois de toda a gente se ter empanturrado com tarte de maçã caseira e gelado, dirigiram-se para junto da fogueira que um dos empregados havia acendido na orla do relvado, completa com ingredientes para fazer *s'mores*¹, canecas com chocolate quente misturado com *marshmallows* e mantas de malha leves feitas de uma caxemira-bambu híbrida incrivelmente macia. As bebidas e as gargalhadas eram uma constante; pouco depois, alguns charros começaram a circular pelo grupo. Andy reparou que somente ela e Max recusaram, ambos passando-o a outra pessoa quando chegou a vez deles. Quando Max pediu licença e se afastou em direção à casa, Andy não conseguiu evitar ir atrás dele.

— Oh, olá — disse ela, subitamente envergonhada ao dar com ele estendido na espreguiçadeira em frente à sala de estar. — Estava só, hum, à procura da casa de banho — mentiu.

— Andrea, não é? — perguntou-lhe ele, apesar de terem estado sentados lado a lado durante três horas ao jantar. Max tinha estado à conversa com a mulher à esquerda dele, a manequim russa esposa de alguém e que parecia não compreender muito bem inglês, mas que

¹ *S'more* é uma sobremesa norte-americana, consumida habitualmente à volta da fogueira de um acampamento, que consiste em um *marshmallow* assado na fogueira, um pedaço de chocolate e duas bolachas. O nome é a contração das palavras «some more», no sentido de «give me some more» (dá-me mais). (NT)

tinha dado risinhos e piscado os olhos o suficiente para manter Max interessado. Andy conversara com — ou melhor, escutara — Farooq a vangloriar-se de tudo e mais alguma coisa, desde o iate que havia batizado na Grécia no início desse ano ao seu mais recente perfil no *Wall Street Journal*.

— Podes tratar-me por Andy.

— Andy, então. — Max enfiou a mão no bolso, tirou um maço de *Malboro Lights* e estendeu-o a Andy, e apesar de não fumar há vários anos, ela tirou um cigarro sem pensar duas vezes.

Max acendeu os dois cigarros sem dizer uma palavra, o dela primeiro e depois o dele, e quando ambos exalaram longos fios de fumo, disse:

— Bela festa. Vocês raparigas fizeram um excelente trabalho.

Andy não pôde evitar sorrir.

— Obrigada — respondeu-lhe ela. — Mas a Emily fez a maior parte.

— Porque é que não fumas? Refiro-me àquele material de qualidade.

Andy fitou-o:

— Reparei que fomos os únicos que não... alinhámos.

Era um facto que estavam apenas a falar sobre fumar charros, mas Andy sentia-se lisonjeada por ele ter reparado nela. Andy sabia da existência de Max — era um dos melhores amigos de Miles dos tempos do colégio interno e era também um nome constante nas páginas dedicadas ao *jet-set* e nos blogues da comunicação social. Mas, por via das dúvidas, Emily havia posto Andy ao corrente do passado de *playboy* de Max, da tendência dele para sair com raparigas bonitas e burras às carradas, e da sua incapacidade de se dedicar realmente a uma só pessoa, apesar de ser um tipo simpático, brilhante e por demais dedicado aos amigos e à família. Emily e Miles previam que Max ficasse solteiro até aos quarenta anos, altura em que a mãe autoritária o pressionaria a produzir um herdeiro e ele casaria com uma rapariga deslumbrante de vinte e três anos que só teria olhos para ele e que jamais questionaria nada do que ele dissesse ou fizesse. Andy estava a par de tudo isso — havia estudado atentamente e tinha feito alguma pesquisa ela própria que parecera confirmar tudo o que Emily havia dito —, mas por um motivo que ela não era capaz de precisar, agora essa avaliação parecia-lhe errada.

— Por nenhuma razão em especial. Fumei na universidade como toda a gente, mas nunca gostei muito. Costumava escapar-me para

o meu quarto, olhar-me no espelho e fazer um inventário contínuo de todas as más decisões que havia tomado e de todos os meus defeitos enquanto pessoa.

Max sorriu.

— Ena, que divertido.

— Achei que a vida já era complicada o suficiente, sabes, e que não precisava de uma droga recreativa que me faça sentir infeliz.

— Faz sentido. — Ele deu uma passa no cigarro.

— E tu?

Max pareceu pensar por uns instantes, quase como se estivesse a tentar decidir qual versão da história iria contar. Andy viu-o cerrar o maxilar forte típico dos Harrison e franzir as sobrancelhas escuras. Fazia lembrar as fotos do pai dele que tinham aparecido nos jornais. Quando tornou a olhar para ela, sorriu novamente, só que dessa vez com alguma tristeza.

— O meu pai morreu há pouco tempo. A explicação pública foi cancro no fígado, mas na verdade foi cirrose. Toda a vida foi alcoólico. Incrivelmente funcional durante grande parte da mesma, isto se pudermos chamar funcional a uma pessoa que se embebeda todas as noites, mas, nos últimos anos, com a crise financeira e algumas consequências complicadas para o negócio, já não tanto. Eu próprio comecei a beber bastante na universidade. Ao fim de cinco anos a coisa já estava descontrolada. Por isso decidi parar de vez. Nada de álcool ou drogas, nada exceto estes pauzinhos cancerígenos, que também não consigo largar...

Agora que ele mencionava isso, de facto Andy havia reparado que Max bebera apenas água gaseificada durante todo o jantar. Ela não tinha dado grande importância, mas agora que estava a par da história, uma parte de si apetecia-lhe abraçá-lo.

Devia ter-se perdido nos seus próprios pensamentos, pois Max disse:

— Como deves imaginar, ultimamente sou uma excelente companhia para festas.

Andy deu uma gargalhada.

— Eu já tenho desaparecido sem me despedir de ninguém, só para ir para casa ver filmes, vestida com as minhas calças de fato de treino. Com bebida ou sem bebida, deves ser bem mais animado do que eu, acredita.

A conversa entre eles fluiu facilmente durante mais uns minutos, enquanto terminavam os cigarros, e depois de Max a ter acompanhado até ao grupo de pessoas, ela deu por si a tentar captar a atenção dele e convencer-se de que não passava de um *playboy*. Era incrivelmente

bem-parecido; Andy não o podia negar. Regra geral, era alérgica a tipos rebeldes, mas nessa noite parecera-lhe ter detetado algo vulnerável e sincero em Max. Não havia necessidade de ele lhe ter confidenciado sobre o pai ou de admitir ter um problema com a bebida. Fora surpreendentemente franco e totalmente humilde, duas qualidades que Andy considerava imensamente atraentes. «Até a Emily diz que ele é para esquecer», recordou Andy a si mesma, e tendo em conta que a amiga estava casada com um dos maiores pândegos de Manhattan, isso queria dizer alguma coisa. Quando Max se despediu um pouco depois da meia-noite, com um beijo inocente na face e um trivial «prazer em conhecer-te», Andy disse a si mesma que era melhor assim. O mundo estava cheio de tipos fantásticos, por isso não havia necessidade de se envolver com um palhaço. Mesmo que ele fosse adorável e parecesse perfeitamente amoroso e genuíno.

Emily apareceu no quarto de Andy às nove horas da manhã seguinte, já com um aspeto exuberante com uns calções curtos brancos, uma blusa com um padrão batique e sandálias de plataforma altíssimas.

— Podes fazer-me um favor? — perguntou-lhe ela.

Andy cobriu o rosto com o braço.

— Implica levantar-me da cama? É que aquelas *margaritas* de ontem à noite deram cabo de mim.

— Lembras-te de ter estado a conversar com o Max Harrison?

Andy abriu um olho.

— Claro.

— Ele acabou de me ligar. Convidou-te a ti, a mim e ao Miles para um *brunch*² em casa dos pais dele, para conversarmos sobre valores em relação à *The Plunge*. Parece-me que está realmente interessado em investir.

— Isso é fantástico! — exclamou Andy, sem saber se se referia ao convite ou à notícia sobre o financiamento.

— Só que eu e o Miles vamos almoçar com os pais dele no clube. Regressaram esta manhã e estão ansiosos por ir lá. Temos de sair daqui a quinze minutos, não podemos cancelar. A sério, olha que bem tentei. Aguentas-te com o Max sozinha?

Andy fingiu pensar por uns instantes.

— Sim, penso que sim. Se tu quiseres.

— Ótimo, então está decidido. Ele vem buscar-te daqui a uma hora. E disse para lebares fato de banho.

² *Brunch* — refeição feita a meio da manhã que combina o pequeno-almoço com o almoço. (NT)

— Fato de banho? De certeza que também vou precisar de...

Emily estendeu-lhe uma mala de verga *DVF* tamanho gigante.

— Um biquíni, com cintura alta porque é para ti, claro, uma saída de praia deliciosa da *Milly*, um chapéu de sol largo e protetor solar fator 30, sem óleos. Para usares depois, leva aqueles calções brancos com cinto que vestiste ontem e combina-os com esta túnica de linho e estes *Toms* brancos giríssimos. Alguma dúvida?

Andy riu-se e despediu-se de Emily com um aceno da mão, antes de despejar o conteúdo da mala em cima da cama. Pegou no chapéu e no protetor solar e tornou a enfiá-los dentro da mala, acrescentando ainda o seu próprio biquíni, uns calções de ganga e uma camisola de alças. Tinha os seus próprios limites no que dizia respeito ao guarda-roupa ditatorial de Emily e, além do mais, se Max não gostasse do aspeto dela, o problema era dele.

A tarde foi perfeita. Andy e Max passearam na pequena lancha rápida de Max, mergulhando na água para se refrescarem e banquetear-se com um almoço estilo piquenique composto por frango frito frio, fatias de melancia, biscoitos de manteiga de amendoim e limonada. Caminharam na praia durante quase duas horas, mal reparando no sol do meio-dia, e adormeceram nas espreguiçadeiras almofadadas ao lado da piscina deserta e reluzente dos Harrison. Quando por fim ela abriu os olhos, o que lhe pareceu ser várias horas mais tarde, Max estava a observá-la.

— Gostas de amêijoas? — perguntou-lhe ele, com um leve sorriso nos lábios.

— Mas quem é que não gosta de amêijoas?

Vestiram umas camisolas de manga comprida de Max por cima dos fatos de banho e saltaram para o *Jeep Wrangler* dele, com o vento a sacudir o cabelo de Andy numa maravilhosa confusão salgada, e ela sentiu-se mais livre do que nunca. Quando chegaram finalmente à cabana de praia em Amagansett, Andy estava completamente rendida: Hamptons era o melhor lugar do mundo, desde que estivesse na companhia de Max e houvesse sempre um balde de amêijoas com taças de manteiga derretida ao lado dela. Os fins de semana na cidade que se lixassem. Aquilo sim, era o paraíso.

— São ótimas, não são? — perguntou-lhe Max, sugando o interior da amêijoia e atirando a concha para um balde de plástico.

— São tão frescas que algumas ainda têm areia — respondeu Andy, com a boca cheia. Mastigou despreocupadamente a sua maçaroca de milho, embora tivesse um fio de manteiga derretida a escorrer-lhe pelo queixo.

— Quero investir na tua nova revista, Andy — disse Max, olhando-a diretamente nos olhos.

— A sério? Isso é ótimo. Quero dizer, é mais do que ótimo, é fantástico. A Emily disse que talvez estivesses interessado, mas eu não quis...

— Estou bastante impressionado com tudo o que tens feito.

Andy sentiu-se a corar.

— Bem, para ser sincera, a Emily é que fez quase tudo. É incrivelmente organizada. Já para não falar nos excelentes contactos que tem. Quero dizer, eu nem sequer sei fazer um plano de negócio, quanto mais...

— Sim, ela é fantástica, mas refiro-me ao que *tu* tens feito. Quando a Emily me abordou há umas semanas, decidi ler tudo o que já escreveste.

Andy limitou-se a olhá-lo fixamente.

— O blogue sobre casamentos para o qual escreves? O «Feliz Para Sempre»? Digo-te uma coisa, não costumo ler sobre casamentos, mas achei as tuas entrevistas excelentes. Aquele artigo que escreveste sobre a Chelsea Clinton, por altura do casamento dela? Estava muito bom.

— Obrigada. — A voz dela era um sussurro.

— E li o artigo de investigação que escreveste para a revista *New York*, aquele sobre o sistema de classificação dos restaurantes por letras. Muito interessante. E o artigo sobre viagens que escreveste naquele retiro de ioga? Onde era, no Brasil?

Andy acenou com a cabeça.

— Até tive vontade de ir lá. E olha que o ioga não é a minha praia.

— Obrigada. É, hum... — Andy tossiu, fazendo o possível para suprimir um sorriso. — É muito bom ouvir-te dizer isso.

— Não o digo para te fazer sentir bem, Andy. Digo-o porque é verdade. E a Emily fez-me um esboço inicial das tuas ideias para *The Plunge* que também me soou bastante bem.

Dessa vez, Andy permitiu-se um sorriso aberto.

— Tenho de admitir que fiquei um pouco cética quando a Emily me abordou com a ideia para *The Plunge*. O mundo não parecia precisar de mais uma revista sobre casamentos. Não parecia haver lugar no mercado para ela. Mas à medida que fomos conversando, percebemos que faltava uma revista de casamentos ao estilo da *Runway*, sofisticada, de luxo, com fotografias fantásticas e pouca pirosice. Algo que tivesse celebridades, pessoas do *jet-set* e casamentos que estivessem financeiramente fora do alcance da maioria dos leitores, mas que, ainda assim,

brincassem com o imaginário e com os planos deles. Uma revista que oferecesse à mulher sofisticada, inteligente e com vontade de estar na moda páginas e páginas de inspiração na qual ela pudesse modelar o seu próprio casamento. Atualmente é só gipsófilas, sapatos *Dyable* e tiaras, não há nada que mostre as várias opções para uma noiva mais sofisticada. Acho que *The Plunge* pode preencher um nicho de mercado.

Max olhou-a fixamente, com uma garrafa de refrigerante na mão direita.

— Desculpa, não quis bombardear-te. É que fico entusiasmada só de falar. — Andy bebeu um trago da sua *Corona* e interrogou-se se não seria insensível da sua parte beber à frente de Max.

— Eu estava disposto a investir porque a ideia me pareceu forte, porque a Emily é muito convincente e porque tu és incrivelmente atraente. Mas não fazia ideia de que conseguias ser tão convincente como a Emily.

— Exagerei um pouco, não foi? — Andy escondeu a testa entre as mãos. — Peço desculpa. — Proferira as palavras, mas só conseguia pensar no facto de Max lhe ter dito que era incrivelmente atraente.

— Não és só boa escritora, Andy. Podemos encontrar-nos todos na cidade e discutir os pormenores para a semana, mas posso adiantar-te desde já que a Harrison Media Holdings gostaria de ser o principal investidor da revista *The Plunge*.

— Sei que falo também em nome da Emily quando digo que ficamos muito satisfeitas — respondeu-lhe Andy, arrependendo-se de imediato do formalismo.

— Juntos faremos muito dinheiro — disse Max, erguendo a garrafa no ar.

Andy brindou com ele.

— À nossa parceria.

Max fitou-a de uma forma estranha, mas tornou a brindar e depois bebeu um trago.

Andy ficou momentaneamente embaraçada, mas depressa se mentalizou de que tinha respondido da melhor maneira. Afinal de contas, Max era um *playboy*. Com ligação a modelos e a autênticos palitos da alta sociedade. Tratava-se de negócios e a palavra «parceria» soava bem e chique.

O ambiente havia mudado, isso era por demais evidente, pelo que Andy não ficou surpreendida quando Max a deixou em casa dos sogros de Emily, logo a seguir à expedição de fim de tarde às amêijoas. Beijou-a na face e agradeceu-lhe por um dia bem passado, sem fazer

qualquer referência a voltarem a encontrar-se, à exceção do encontro na sala de conferências da sua firma com Emily e uma equipa inteira de advogados e contabilistas.

«E porque havia de o fazer?», interrogou-se Andy. Por ter namorado um pouco com ela e ter-lhe dito que era atraente? Por terem passado um dia perfeito juntos? Isso não era mais do que empenho por parte de Max: estava a sondar o seu investimento, a ser simpático e encantador como de costume, ao mesmo tempo namorando um pouco. O que era, de acordo com Emily e tudo o que ela havia descoberto *online*, exatamente o que Max fazia, e pelos vistos fazia-o bem e com frequência. Como era evidente, nada disso significava que estivesse minimamente interessado *nela*.

Emily ficou encantada ao saber que o dia tinha corrido muito bem e a reunião na cidade, na quinta-feira seguinte, foi ainda melhor. A Harrison Media Holdings avançou com um impressionante valor de seis dígitos para ajudar *The Plunge* a arrancar, mais do que qualquer uma delas havia sequer sonhado e, melhor ainda, Emily não pôde fazer-lhes companhia para o almoço comemorativo de última hora que Max propôs que os três partilhassem.

— Se vocês soubessem o difícil que foi marcar esta consulta nem sequer punham a hipótese de eu faltar — disse-lhes Emily, saindo a correr para ir ter com uma dermatologista das celebridades que andava há cinco meses para consultar. — É mais difícil marcar consulta com ela do que marcar uma audiência com o Dalai Lama e as minhas rugas da testa estão cada vez mais vincadas.

Pelo que, mais uma vez, Max e Andy foram sozinhos e, mais uma vez, duas horas transformaram-se em cinco horas até que, por fim, o *maître d'or* do restaurante no centro da cidade lhes pediu educadamente para sair, de forma a poder começar a pôr as mesas para as marcações do jantar. Max segurou-lhe a mão quando a levou a casa, trinta quarteirões no sentido contrário ao dele, e Andy adorou a sensação de caminharem lado a lado. Sabia que faziam um casal giro e a atração que sentiam um pelo outro provocava sorrisos por parte de estranhos. Quando alcançaram o edifício dela, Max deu-lhe um beijo maravilhoso. Durou poucos segundos, mas foi meigo e perfeito e ela ficou ao mesmo tempo satisfeita e em pânico por ele não ter insistido. Max não fez qualquer referência a voltarem a ver-se, mas, apesar de ser por demais evidente que costumava beijar raparigas onde e quando lhe apetecia, algo dizia a Andy que voltaria a ter notícias dele.

O que veio efetivamente a acontecer, na manhã seguinte. Depois, encontraram-se novamente nessa noite. Cinco dias mais tarde, Andy e Max separaram-se a custo para irem trabalhar, dormindo no apartamento um do outro à vez e escolhendo atividades divertidas. Max levou-a ao seu restaurante favorito de estilo familiar e aspeto mafioso no centro de Queens, onde toda a gente o conhecia pessoalmente. Quando ela arqueou as sobranceiras, garantiu-lhe que era apenas porque a família dele tinha frequentado esse local duas vezes por mês quando ele era miúdo. Andy levou-o ao clube da comédia favorito dela em West Village, onde se riram tanto durante o espetáculo da meia-noite que cuspiram as bebidas em cima da mesa; depois, palmilharam metade da baixa de Manhattan, desfrutando a noite de verão e chegando a casa de Andy já quase ao amanhecer. Alugaram bicicletas, apanharam o teleférico de Roosevelt Island e visitaram nada menos do que meia dúzia de rulotes de comida *gourmet*, provando tudo desde gelado artesanal, *tacos gourmet* e pãezinhos de lagosta frescos. Fizeram sexo fantástico. Várias vezes. Quando o domingo chegou por fim, estavam exaustos e saciados e, pelo menos na cabeça de Andy, bastante apaixonados. Dormiram até às onze e depois encomendaram um banquete de *bagels* e fizeram um piquenique na alcatifa da sala de estar de Max, alternando entre um programa de renovação de casas no HGTV e o U.S. Open.

— Acho que está na altura de dizermos à Emily — disse Max, estendendo-lhe o *latte* que tinha feito na máquina de expressos profissional. — Mas tens de me prometer que não vais acreditar em nada do que ela te disser.

— O quê, que és um *playboy* com dificuldade em assumir compromissos amorosos e com tendência para andar com mulheres mais novas? Porque é que havia de dar ouvidos a uma coisa dessas?

Max deu-lhe um pequeno safanão no cabelo.

— Tudo um enorme exagero.

— Hum hum. Claro que sim. — Andy manteve um tom de voz ligeiro, mas a reputação dele incomodava-a de facto. A relação deles parecia-lhe diferente, genuína — afinal de contas qual é o *playboy* que vê a HGTV? —, mas não seria um facto que todas as raparigas pensavam o mesmo?

— És quatro anos mais nova do que eu. Isso não conta?

Andy deu uma risada.

— Penso que sim. Também ajuda o facto de ainda não ter trinta anos, ser um bebé para todos os efeitos, e tu seres bastante mais velho. Sim, essa parte é agradável.

— Queres que diga alguma coisa ao Miles? Não me custa nada.

— Não, nem pensar. A Em vai lá a casa logo à noite, para vermos as repetições dos episódios do *House* e encomendarmos *sushi*. Digo-lhe nessa altura.

Andy andava tão preocupada com a reação de Emily — sentir-se-ia traída por Andy não lhe ter contado antes? Irritada por causa da sócia se ter envolvido com o investidor? Pouco à vontade por Max e Miles serem tão amigos? — que nem sequer tinha posto a hipótese de Emily já desconfiar.

— A sério? Já sabias? — perguntou-lhe Andy, esticando um pé calçado com meia em cima do sofá em segunda mão.

Emily mergulhou um pedaço de *sashimi* de salmão no molho de soja e enfiou-o na boca.

— Achas-me com cara de otária? Ou melhor, de otária cega? É claro que já sabia.

— Quando é que... Como?

— Oh, sei lá. Talvez quando apareceste em casa dos pais do Miles depois de terem passado o dia juntos, com cara de quem tinha tido o melhor sexo da sua vida. Ou depois do nosso encontro no escritório dele, quando vocês não paravam de olhar um para o outro. Porque é que achas que não fui almoçar convosco? Ou o facto de teres desaparecido por completo nesta última semana, não devolveres chamadas nem mensagens e andares mais reservada em relação a onde tens andado do que uma miúda da escola a tentar despistar os pais. Francamente, Andy.

— Para que saibas, não dormimos juntos nesse dia nos Hamptons. Nem sequer...

Emily ergueu a mão no ar.

— Poupa-me aos pormenores, por favor. Além do mais, não me deves qualquer explicação. Fico contente pelos dois; o Max é boa pessoa.

Andy fitou-a com uma expressão desconfiada.

— Disseste-me centenas de vezes que era um mulherengo.

— E é. Mas talvez faça parte do passado. As pessoas mudam, sabes. O meu marido não, isso é certo. Já te disse que descobri uma troca de mensagens com uma tipa chamada Rae? Nada muito sério, mas sem dúvida a exigir mais atenção da minha parte. Seja como for, lá por o Miles andar sempre à coca não quer dizer que o Max não seja capaz de ter uma relação estável. Podes ser exatamente o que ele procura.

— Ou posso também ser o sabor do mês...

— Só o tempo o dirá. E olha que falo por experiência própria.

— Está bem — replicou Andy, essencialmente porque não sabia o que mais dizer. Miles tinha a mesma reputação que Max, mas sem a vertente carinhosa. Era afável q.b., e sem dúvida alguma bastante comunicativo, e ele e Emily pareciam ter imenso em comum, como o gosto por festas, por férias de luxo e por roupa cara. Não obstante os vários anos em que estavam juntos, contudo, Andy continuava a sentir que não conhecia realmente o marido da sua melhor amiga. Emily fazia comentários frequentes e casuais sobre Miles e o «andar sempre à coca», como ela costumava dizer, mas fechava-se sempre que Andy tentava saber mais. Tanto quanto Andy sabia, nunca tinha havido nenhuma prova concreta de infidelidade — pelo menos nada público, isso era certo —, mas isso não significava nada. Miles era esperto e discreto, e o seu trabalho como produtor televisivo levava-o frequentemente a sair de Nova Iorque, pelo que tudo era possível. Era possível que ele fosse infiel. Era possível que Emily soubesse que ele era infiel. Mas será que se importava? Ficaria louca de preocupação e ciúme ou seria uma dessas mulheres que olham para o lado desde que nunca sejam publicamente envergonhadas? Andy interrogava-se sobre isso inúmeras vezes, mas era o único assunto que elas haviam silenciosamente acordado nunca discutir.

Emily abanou a cabeça.

— Ainda me custa a acreditar. Tu e o Max Harrison. Nem num milhão de anos me ocorreria juntar-vos aos dois e agora vê só... É incrível.

— Não nos vamos casar, Em. Apenas andamos um com o outro — respondeu-lhe Andy, embora já tivesse fantasiado sobre como seria casar-se com Max Harrison. Um pensamento absurdo com toda a certeza — conheciam-se há menos de duas semanas —, mas as coisas já lhe pareciam diferentes do que com qualquer outra pessoa com quem tinha namorado antes, com a possível exceção de Alex, há muitos anos. Há muito tempo que não sentia esse tipo de entusiasmo por alguém. Ele era sensual, inteligente, encantador e, sim, provinha de boas famílias. Andy nunca se imaginara a casar com alguém como Max, mas a ideia não lhe parecia nada má.

— Eu compreendo, a sério. Aproveita. Diverte-te. Mas mantém-me ao corrente de tudo, está bem? E, se decidirem casar, quero o devido reconhecimento.

Emily foi a primeira pessoa a quem Andy ligou quando, uma semana mais tarde, Max a convidou a acompanhá-lo à festa de lançamento de um livro que a empresa dele ia organizar em homenagem

a Gloria, a editora de uma das suas revistas que acabava de publicar um livro de memórias sobre a sua infância enquanto filha de dois músicos famosos.

— O que é que eu visto? — perguntou-lhe Andy, em pânico.

— Bem, és oficialmente a companheira do anfitrião, por isso é melhor usares algo fabuloso. O que exclui todo o teu guarda-roupa «clássico». Queres que te empreste alguma coisa ou preferes ir às compras?

— Companheira do anfitrião? — Andy sussurrou as palavras.

— Bem, se o Max é o anfitrião e tu és a companheira dele...

— Oh, meu Deus. Não aguento isto. Ele disse que vai lá estar uma carrada de gente por ser a Semana da Moda. Não estou preparada para isso.

— Vais ter de te inspirar nos tempos da *Runway*. O mais certo é *ela* estar lá também, sabes. A Miranda e a Gloria conhecem-se.

— Não sou capaz de fazer isto...

Na noite da festa, Andy apareceu no Carlyle Hotel uma hora antes para ajudar Max a organizar os lugares às mesas, e a expressão dele quando ela entrou na sala, vestida com um dos vestidos *Céline* de Emily, volumosas joias douradas e uns sapatos altos lindíssimos, fez tudo valer a pena. Sabia que estava fantástica e sentia-se orgulhosa de si mesma.

Max tomou-a nos braços e sussurrou-lhe ao ouvido o quão bonita estava. Nessa noite, ao apresentá-la a toda a gente — colegas e funcionários, vários editores, escritores, fotógrafos, anunciantes e executivos de relações públicas — como a namorada dele, Andy sentiu-se absolutamente nas nuvens. Conversou com todos os colaboradores de Max e fez o possível para ser simpática e, tinha de admitir, divertiu-se imenso. Só quando a mãe de Max apareceu e avançou em direção a Andy qual tubarão a circundar a sua vítima é que ela começou a sentir-se nervosa.

— Estava ansiosa por conhecer a rapariga sobre quem o Max não para de falar — disse a Sra. Harrison num sotaque ríspido e ligeiramente britânico, provavelmente indicador de demasiados anos passados em Park Avenue. — Presumo que sejas a Andrea.

Andy olhou rapidamente à sua volta, à procura de Max, que nem sequer havia insinuado que a mãe iria marcar presença, antes de voltar toda a sua atenção para a mulher altíssima vestida com um fato de saia e casaco *Chanel*.

— Senhora Harrison? É um prazer conhecê-la — replicou ela, forçando a voz a permanecer calma.

Não se seguiu nenhum «Oh, por favor trata-me por Barbara» ou «Estás lindíssima, minha querida» ou mesmo «É um prazer conhecerte». A mãe de Max avaliou descaradamente Andy da cabeça aos pés e disse:

— És mais magra do que eu pensava.

«Como? De acordo com a descrição de Max? Ou mediante a sua própria constatação?» interrogou-se Andy.

Tossiu. Apetecia-lhe fugir dali e esconder-se, mas Barbara continuou:

— Caramba, lembro-me quando tinha a tua idade, quando perdia peso sem grande esforço. Quem me dera que fosse assim com a minha Elizabeth. Já conheceste a irmã do Max? Deve estar quase a chegar. A rapariga tem o corpo do pai. Compacto. Atlético. Não tem propriamente excesso de peso, mas também não é muito feminino.

A mulher teria o hábito de falar assim em relação à própria filha? De imediato, Andy sentiu pena da irmã de Max, estivesse ela onde estivesse. Olhou Barbara Harrison nos olhos.

— Ainda não a conheci, mas já vi uma fotografia da Elizabeth e acho-a lindíssima!

— Hum — murmurou Barbara, pouco convencida. A mão dela, seca e ligeiramente parecida com um pedaço de couro, envolveu o pulso despido de Andy com mais força do que seria desejável e puxou-o, com força. — Vamos sentar-nos um bocado e conhecer-nos um pouco melhor.

Andy fez o possível para impressionar a mãe de Max, para vencer Barbara de que era merecedora do filho dela. Era um facto que a Sra. Harrison tinha franzido o nariz quando ela mencionara o seu trabalho na *The Plunge* e tinha feito um comentário vagamente depreciativo sobre o facto de a cidade natal de Andy não se situar minimamente perto de Litchfield County, onde os Harrison tinham uma quinta ancestral, mas Andy não deixou a conversa convencida que havia sido um desastre. Fizera uma série de perguntas interessadas e apropriadas a Barbara, contara-lhe uma piada engraçada sobre Max e explicara-lhe como se haviam conhecido nos Hamptons, um pormenor que parecera agradar a Barbara. Por fim, motivada pelo desespero, fez referência ao período de tempo em que tinha trabalhado na *Runway*, sob a supervisão de Miranda Priestly. A Sra. Harrison endireitou-se ligeiramente no lugar e inclinou-se para a frente, para saber mais. Se Andy tinha gostado de trabalhar na *Runway*. Se trabalhar com a Sra. Priestly não tinha sido a melhor aprendizagem de sempre. Bar-

bara fez questão de referir que todas as raparigas com quem Max havia crescido teriam feito tudo para conseguirem esse emprego, que todas idolatravam Miranda e sonhavam um dia aparecer nas páginas da revista dela. Se o «pequeno *start-up*» de Andy não resultasse, os seus planos para o futuro incluíam o regresso à *Runway*? Barbara estava incrivelmente animada e Andy esforçou-se por sorrir e acenar com a cabeça o mais entusiasticamente possível.

— Tenho a certeza de que ela te adorou, Andy — disse-lhe Max, enquanto estavam sentados num restaurante aberto 24 horas por dia em Upper East Side, ambos ainda excitados por causa da festa.

— Não sei. Não me pareceu nada — respondeu-lhe Andy, bebericando o batido de chocolate.

— *Toda a gente* te adorou, Andy. O meu diretor financeiro fez questão de me dizer que eras muito divertida. Contaste-lhe alguma história sobre Hanôver, em New Hampshire?

— É a minha anedota chave para as pessoas de Dartmouth.

— E as assistentes eram só risinhos, a dizerem que eras muito bonita e que tinhas sido muito simpática com elas. Penso que muitas pessoas não se dão ao trabalho de conversar com elas neste tipo de festas. Obrigado por o teres feito. — Max estendeu uma batata frita com *ketchup* a Andy e, quando ela recusou, enfiou-a na boca.

— Foram todas genuinamente simpáticas. Gostei imenso de conviver com elas — respondeu Andy, pensando no quanto tinha realmente gostado de conhecer toda a gente. A única exceção tinha sido a mãe insensível de Max. Além disso, sentia-se grata: Miranda não tinha aparecido. Era uma sorte, mas tendo em conta o seu novo namorado e as pessoas com quem a família Harrison se dava, Andy sabia que esse dia chegaria.

Estendeu a mão sobre a mesa e pegou na mão de Max.

— Diverti-me imenso esta noite. Obrigada por me teres convidado.

— Obrigado eu, menina Sachs — replicou Max, beijando-lhe a mão e lançando-lhe um olhar que lhe provocou um arrepio de prazer no estômago. — Voltamos para minha casa? Parece-me que a noite ainda agora começou.